

Discurso de agradecimento pela recepção do Título de Professor Emérito

Professor Doutor José Alves Fernandes

Magnífico Reitor da Universidade Federal do Ceará, Excelentíssimas Autoridades componentes da mesa que preside esta solenidade.

Minhas senhoras,

Meus Senhores:

Aqui estamos para a celebração de uma noite de festa. Para um momento de regozijo e de rememoração. Para uma instância de ação de graças.

Com efeito, o sentimento mais forte que faz estuar neste instante o coração do vosso homenageado é o sentimento da gratidão.

Sem sombra de dúvida, *vere dignum et justum est* – é verdadeiramente razoável e justo que eu ponha em especial relevo este sentimento, diante do gesto da nossa Universidade ao honorificar um de seus mais modestos servidores, que nada mais fez do que procurar cumprir com responsabilidade o seu dever.

Em boa verdade, o título de Professor Emérito, que me é conferido nesta oportunidade, corresponde, na realidade, ao seu significado etimológico ou originário: “Emeritus”, com efeito, designava, na nossa língua-mãe, nada mais, nada menos que o soldado que se desobrigava dos serviços obrigatórios dele exigidos em prol da segurança e da defesa da Pátria.

Institucionalizado, porém, como honraria, em testemunho de reconhecimento da excelência do trabalho docente, passa a revestir-se de um significado especial para o agraciado, determinando assim a incoercível contrapartida do nosso gesto de agradecimento.

Afinal de contas, como diz Cervantes: *De gente bien nacida es agradecer... y uno de los pecados que más ofenden a Dios es la ingratitud*. E pelo mesmo diapasão, definia o Pe. Manuel Bernardes a ingratidão como “um milagre do demônio” ou um “milagre pelo avesso”, porquanto, não retribuir o benefício recebido ou retribuir o bem com o mal – é realizar uma obra satânica ou demoníaca – pecado de que Deus nos afaste: *quod Deus avertat*.

Mas, minhas senhoras e meus senhores:

Permiti agora que, atendendo à voz da sabedoria dos tempos, eu recorde,

para reviver, uma quadra decisivamente cardinal da história da minha vida.

Quero referir-me à primeira Universidade *de facto* que vim a conhecer pelos idos de 1944: o histórico Seminário Arquidiocesano de Fortaleza, ou, hipocoristicamente, o velho Seminário da Prinha.

Universidade, sim, repito eu, porquanto, segundo nos adverte Ernst Robert CURTIUS, o erudito autor de “Literatura Européia e Idade Média Latina”, esta palavra, no seu sentido primigênio, significa, não a busca ou o cultivo da generalidade do saber – *studium generale* – mas, primordialmente a convivência de mestres e discípulos – a *societas magistrorum et discipulorum* – .

Na verdade, foi exatamente isto – a vida comunitária, a *conversatio* diuturna, a permuta constante de experiências no “intra muros” do Seminário – o que veio marcar para sempre a minha visão de vida como um processo de interinfluências e de interajudas absolutamente necessárias à nossa transformação de indivíduos em pessoas.

Por essa razão, as minhas *gratiarum actiones* – o meu preito de ação de graças, àqueles beneméritos mestres cujos exemplos de virtudes intelectuais e morais imprimiram caráter – como se diz de certos sacramentos – sobre a minha formação integral.

Permita-se-me, pois, em ocasião tão propícia e única, particularizar e nominar alguns desses mestres memoráveis, prestando-lhes assim esta homenagem tão pequena diante da benemerência tão grande de que eles são merecedores.

Assim, em ordem ascendente, do primeiro ao sexto ano das minhas humanidades, não poderia deixar de mencionar: Pe. Gumercindo Sampaio, que me iniciou nos primeiros rudimentos do latim; Monsenhor José Augusto, competente e pontilhoso mestre, que me revelou a moralidade lúdica das Fábulas de Fedro e me deu a conhecer a legendária Gramática Expositiva de Eduardo Carlos Pereira, cuja fortuna pedagógica se prolongou por gerações após gerações; Pe. Jessé de Oliveira, que me acompanhou do terceiro ao sexto ano, como professor de Francês, de Inglês, de Grego, de Álgebra e ... de Educação Física, figura, portanto, paradigmática do *mens sana in corpore sano*, meu professor-padrão, se não se tratasse de um *magister imitandus sed inimitabilis*; Pe. Francisco Batista LUZ, Pe. LUZ, um *nome falante*, figura *luminosa*, inteligência fulgurante, memória privilegiada, professor de Grego, de Latim, de Literatura, de Exegese Bíblica, visto por nós quase como um Pico della Mirandola, dominando, por assim dizer, o conhecimento *de omni re scibili et inscibili*; Pe. Josefino Cabral, também homem dos sete instrumentos, latinista consumado, professor de Apologética do nosso quinto ano, proferindo algu-

mas vezes a aula em latim, com a escusa joco-séria de que expendia menos esforço respiratório expressando-se numa língua sintética. E, finalmente, a figura gigantéia do Pe. Tomé Veerman, holandês de nação, escandindo, com igual desenvoltura, suas passadas fortes pelos corredores do Seminário e os cadenciados hexâmetros de Virgílio na leitura da Eneida ou das Éclogas.

E por que não incluir também o nome do Pe. Gotardo Thomaz de Lemos que, inda como Cursista, foi meu professor de música, com quem aprendi muito mais do que os versos do *Catafal-fal-fal* e o exercício de solfa do *fá-fá-lá-dó-ré-dó-lá-fá?*

Por tal forma que, dentro da moldura do tempo, o *Seminário* Arquidiocesano de Fortaleza desempenhou exemplarmente o seu papel educativo, justificando *ad abundantiam* sua função *seminal* de geração de cidadãos devidamente preparados para operar na sociedade – quer no clericalato, quer no laicato – como sal da terra e luz do mundo.

Minhas senhoras e meus senhores:

Lancemos agora um rápido olhar retrospectivo sobre o segundo grande estádio da minha formação intelectual. Foi uma nova etapa revolucionária.

Ingressei na minha primeira Universidade *de jure*.

Mal egresso do Seminário, ainda meio estonteado pelo impacto das novidades do “século” – era assim que no socioleto religioso se denominava o mundo portas afora do ambiente claustral – trazia a mente povoada de incertezas e de anteprojetos nebulosos e inconsistentes.

Uma só coisa se me apresentava cristalina e clara: a necessidade da continuação dos meus estudos.

Eu agora era acadêmico de Letras Clássicas da Faculdade Católica de Filosofia do Ceará.

Como era natural, ressentia-me fortemente, de início, da ausência do favorável clima de convivialidade, de fluente interlocução, que havia caracterizado aquela solidária *societas magistrorum et discipulorum* da minha considerada primeira “Universidade”.

Mas procurei adaptar-me às novas condições. Não sendo um bem-nascido, as dificuldades já me haviam ensinado que a vida é uma sucessão de anábases e de catábases. Ou como na metáfora marítima de Vico um eterno suceder alternativo de “corsi e ricorsi”.

Tudo agora era novo e diferente, impactante e desafiador. O espírito de

emulação me parecia agora substituído por indisfarçável clima de rivalidade. Isto me assustou muito. Minha superlativa timidez foi posta a dura prova.

Procurei, por isso, descobrir ou identificar novos estímulos que me fizessem retomar a disposição para prosseguir, para avançar e para crescer.

E assim como se diz que a Filosofia nasceu do *Θαῦμα*, do espanto ou da admiração da Natureza, também no meu caso, o grande estímulo me surgiu do conhecimento que vim a fazer, na Faculdade Católica de Filosofia do Ceará, com as grandes figuras representativas da *intelligentsia* cearense, os vultos emblemáticos do nosso magistério universitário.

E um dia haveria de ser também razoável e justo lembrá-los – *haec olim meminisse juvabit* – como poetou Virgílio – lembrá-los e igualmente agradecer-lhes os exemplos e os ensinamentos recebidos.

Permita-se-nos, pois, mais uma vez, senhoras e senhores, singularizar pelo menos alguns dos nomes desses próceres da cultura da nossa terra: Artur Eduardo Benevides, ainda muito jovem quando o conheci, nos idos de 1953, mas já fazendo vulto e se afirmando pelos seus dotes e talentos no universo das nossas boas-lettras; Mozart Soriano Aderaldo, inteligência brilhante, servida por bem sedimentada cultura geral e humanística, meu professor de Literatura Brasileira; Amorim Sobreira, latinista exímio de formação lingüística bem *aggiornata* e que me alertou para a necessidade de atualização bibliográfica, indispensável, ontem como hoje, aos estudos de nível superior; Otávio Terceiro de Farias, autorizado mestre de Língua Portuguesa; Antônio Filgueiras Lima, o mais celebrado dos pedagogos do Ceará pelos idos de 1950-1960, e a quem tive a honra de substituir temporariamente, por indicação sua, na cátedra de Didática Geral; Joel de Lima Linhares, professor de Filologia Românica, senhorio e não hóspede, no domínio da sua disciplina; e finalmente, uma vez mais no meu percurso intelectual, *nel mezzo del cammin di nostra vita*, a figura exemplar do Pe. Jessé de Oliveira, iniciando-me por então na leitura das primeiras fábulas de Esopo. A todos estes a nossa homenagem retributiva.

Formado em Letras, durante dez anos exerci o magistério de 2º grau, repartindo por vários colégios e instituições congêneres de Fortaleza minha atividade docente.

De 1955 a 1960, concomitantemente com o exercício do magistério secundário, cursei a Faculdade de Direito e instalei e mantive entre nós em caráter pioneiro um Cursinho de preparação para vestibulares na área de Humanidades, atendendo candidatos às Faculdades de Direito, de Letras e de Serviço Social.

E o Cursinho do Professor Zé Alves cresceu, criou fama – ganhou visibilidade, como diz o clichê ou jargão da modernidade – aumentando enormemente a sua responsabilidade social e profissional. Não há como fugir ao imperativo categórico do *noblesse oblige*.

Como resultado perdurável dessa atividade particular, posso afirmar que me foram extremamente compensadores o retorno social e os dividendos de natureza moral e psicológica.

Numerosos profissionais da área do Direito, instalados nos diversos setores da ministração da Justiça ou a ela vinculados, na Magistratura, na Advocacia ou no Magistério universitário, tenho certeza de que, em variados graus, representam a função de arautos da nossa benemerência, reconhecidos ou reconhecedores, do papel benéfico que significou para a sua vida profissional, a preparação que lhes foi especificamente ministrada, habilitando-os para o ingresso na Universidade.

O mesmo se poderá dizer e aplicar, com toda a certeza, no que diz respeito aos candidatos que se encaminharam para as áreas de Letras e de Serviço Social.

Em 1963 ingressava eu como professor na recém-fundada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal do Ceará, posteriormente vítima de lamentável *capitis diminutio* que a reduziu à categoria menor e inexpressiva de um simples Curso de Letras.

Encontrei ali como meu primeiro Diretor o Pe. Francisco Batista Luz, a quem precedera o Dr. Raimundo Valmir Cavalcante Chagas, meu ex-professor de Didática de Línguas Modernas, na Faculdade Católica de Filosofia do Ceará.

Serviu-me de *pontifex* dessa auspiciosa abordagem o meu dileto amigo e colega Prof. Antônio Pessoa Pereira, que já havia, um pouco anteriormente, sido convocado para atuar no funcionamento das primeiras turmas da novel Faculdade.

Não posso deixar de considerar como uma data magna – *albo notanda lapillo* – marcada por uma pedrinha branca – augúrio de boa sorte e felicidade entre os romanos – o dia em que tive confirmado o meu nome como Professor Assistente de Língua Latina.

Estava eu promovido a colega de magistério de um dos maiores e mais categorizados mestres da minha juventude, Pe. Francisco Batista Luz.

Instalado então na segurança de um contrato cuja vigência eu considerava garantida *in perpetuum*, só me restava acreditar de veras nas minhas potencialidades.

Compartilhando da vida e das responsabilidades da mais alta instituição educacional do País, capacitei-me da necessidade de crescer intelectualmente, para fazer jus à companhia categorizada dos novos parceiros de trabalho e para dar a resposta de mim esperada pelos que homologaram a minha indicação.

Eu agora pertencio à fina flor do magistério superior de letras do Ceará. Eu era colega de Artur Eduardo Benevides, de José Maria Moreira Campos, de Otávio Terceiro de Farias, de José Milton Dias, de Otacílio Colares, de José Rebouças Macambira, de Hesíodo Facó, de Carlos Neves d'Alge, de Pedro Paulo Montenegro, de Antônio Pessoa Pereira, de Francisco de Assis Garcia, de Eleazar Magalhães Teixeira – em suma, eu estava rodeado pelo escol da cultura lingüística e literária do magistério universitário do Ceará. Era o caso de, mais um vez, repetir com Virgílio. *quantum mutatus ab illo!*

A todos esses ilustres parceiros, eu os saúdo e lhes rendo as minhas homenagens, nesta noite de ação de graças, pelas “circunstâncias” que eles vieram a significar na configuração da minha personalidade.

Afinal de contas, depois de Ortega y Gasset, todos ficamos mais conscientes de que não somos apenas nós mesmos mas somos nós e a nossa “circunstância”.

Entre os trabalhos, ações e encargos, que formalizam o conjunto das atividades constitutivas da minha folha de serviços na Universidade, apraz-me, de maneira especial, destacar a instituição da Semana de Estudos Clássicos.

Com a sua promoção tivemos sempre em mira a decidida e talvez utópica pretensão ou desígnio irrealista de manter vivo o ideal da cultura humanística, hoje equivocadamente descaracterizada, em detrimento dos valores mais altos que dignificam a espécie humana.

Mas, afinal de contas, não deve a utopia fazer parte do catecismo das nossas crenças?

Bem haja, por isso, a nova geração de professores da área clássica – de Grego e de Latim – do Departamento de Letras Estrangeiras, que ainda não deixaram extinguir-se a chama desse ideal, e continuam a promover este saudável evento, como acabaram de fazê-lo no passado mês do presente ano de 2004.

Queremos, também, neste instante de balanço rememorativo, tornar público e notório como igualmente é de justiça – *vere dignum et justum est* – que a magnânima e afortunada idéia dos encontros de cultura clássica, partiu da feliz inspiração da nossa querida e competente amiga Prof. Noemi Elisa Soriano Aderaldo, do setor de Literatura, hoje constituído em Departamento autônomo.

Foi a partir desses encontros que se veio a concretizar, algum tempo depois, a constituição do Núcleo de Cultura Clássica – o NUCLÁS – com a decidida e entusiástica adesão do Professor Eleazar Magalhães Teixeira, hoje o mais competente dos nossos helenistas, e deste Professor que vos fala especializado no campo dos estudos latinos e da Filologia Românica.

Permiti-me ainda, Magnífico Reitor, e generosos ouvintes, que eu alargue um pouco mais o círculo enriquecedor das minhas “circunstâncias”, complementares do meu perfil magisterial.

Quero referir-me ao seletto contingente dos nossos ex-alunos bem-sucedidos, aqueles que já em outra idêntica ocasião apelidei de “os alunos que deram certo”.

Na verdade, constituem eles um testemunho eloqüente do sucesso do nosso trabalho educativo, do nosso investimento pedagógico; configuram eles, para nossa justificação e regozijo, o resultado concreto da nossa dedicação profissional.

São eles, esse grupo de escol, a afirmação viva do nosso discipulado, investido agora da missão histórica de transmitir à geração seguinte a tocha olímpica do ideal e do saber.

É com a mais legítima satisfação, portanto, que passo a nominar alguns desses beneméritos cúmplices e legítimos representantes da nossa fortuna profissional: José Rogério Fontenele Bessa, Pedro [Vladimir do Vale] Lira, Teoberto Landim, Horácio Dídimo, Sânzio de Azevedo, Roberto Pontes, Celina Garcia, Ângela Gutierrez, Elizabete Martins, Roberto Arruda, Ana Maria Pompeu, todos integrantes do quadro de professores de Letras da UFC e nela formados sob nossa parcial responsabilidade.

Ao Prof. José Linhares Filho, também integrante da nominada plêiade, o meu especialíssimo agradecimento pela prestimosidade e expediência com que se prontificou a aceitar o ônus desta apresentação. Mais feliz e acertada não poderia ter sido a indicação do Magnífico Reitor Dr. Renê Barreira.

José Linhares Filho, perfil de varão de Plutarco, compenetrado e de palavras essenciais como bom cultor do deus Harpócrates, sempre o vi com aquela sensação com que olhamos para a superfície tranqüila das águas doces de um poço profundo.

Estudioso sério e devotado da Literatura Portuguesa – sua área específica ou de eleição preferencial – não lhe faltou a necessária clarividência para perceber que a literatura é um continente intérmino, e que por isso teria que ampliar os seus estudos e conhecimentos, empreendendo outras “andanças”

e “marinhagens”, por territórios mais largos e enseadas mais profundas. Foi o que decididamente fez.

Daí, com certeza, o segredo sem segredo da sua ascensão e da fortuna crítica da sua obra, não somente como poeta mas também como ensaísta sa-gaz, bem avaliado, nas duas pátrias majoritárias da língua portuguesa.

Minhas senhoras, Meus Senhores:

Corre-me agora o imperioso dever de expressar os meus particulares agradecimentos àqueles que foram responsáveis diretos pela outorga de tão significativa honraria.

Em primeiro lugar aos Professores Doutores José Rogério Fontenele Bessa e Inácio de Sousa Montenegro, colegas de magistério e copartícipes, por mais de dez anos, dos trabalhos de pesquisa do Atlas Lingüístico do Estado do Ceará, em boa hora repostos na programação editorial da Imprensa Universitária. Bem haja, por isso, o Magnífico Reitor Doutor René Barreira.

A estes dois confraternais amigos, o meu agradecimento especial pela iniciativa da indicação do meu nome à concessão do presente título.

E na seqüência natural dos fatos, cabe-me registrar também, agradecidamente, a boa acolhida da proposição por parte dos Departamentos de Letras Vernáculas, de Letras Estrangeiras e de Literatura, que por unanimidade lhe apuseram o seu *placet*.

Finalmente, intende-me estender meu sincero reconhecimento à Professora Maria Elias Soares, Diretora do Centro de Humanidades, à época, relatora do Processo *ad hoc*, e bem assim ao Magnífico Reitor Doutor Antônio Albuquerque e aos circunstantes membros do Conselho Universitário, que também por unanimidade o sancionaram.

Permiti-me, ainda, para concluir, que, formuladas estas expressões gratulatórias à minha numerosa família comunitária, eu formule também os meus agradecimentos especiais à minha família consangüínea, aqui representada pelas filhas Karla Karenina e Kênia Emmanuele, à neta Camila, às irmãs Maria José, Cleide Maria, Maria Helenir, Maria Marlene e Maria Marluce, bem como aos primos Marcelo, Ivone, Kelly, Ana Maria Melo e demais parentes, expressões testemunhais da mais sincera amizade e do mais puro bem-querer.

E enfim, remato esta oração, reconhecendo, com o autor da Divina Comédia, que há sempre um momento ótimo em que o silêncio se torna mais honesto que o discurso: “Più è tacere, che ragionare onesto”.